

PANORAMA DA PRÁTICA PROFISSIONAL NA ARQUITETURA: ESTUDANTES E PROFISSIONAIS

Renée K. de A. Peixoto¹, Fábio L. Licht^{1*} e Antônio R. Mury²

¹*Centro de Engenharia e Computação, Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 25.685-070, RJ, Brasil*

²*Laboratório Nacional de Ciência de Computação, Petrópolis, 25651-075, RJ, Brasil*

Palavras-chave: Arquitetura, estágio profissional, padronização de processos.

Resumo. A arquitetura vem sofrendo, ao longo do tempo, uma série de transformações em função da inovação tecnológica. Hoje, mais do que nunca, é necessário que os alunos e recém egressos da universidade adquiram a experiência da prática profissional. Os escritórios de arquitetura também precisam adotar uma padronização para seus processos de desenvolvimento e criação, de maneira que possam absorver melhor esses alunos e utilizar, da melhor forma possível, essa padronização, inclusive considerando as inovações tecnológicas. O objetivo deste trabalho é apresentar o resultado de uma pesquisa sobre a padronização do processo de desenvolvimento e criação nos locais de trabalho, e sobre a aproximação entre as instituições de ensino e estes locais. A pesquisa foi realizada com alunos em fase de estágio e com profissionais da área de arquitetura, procurando entender a visão deles. Estudou-se a existência ou não de uma padronização, e se os estagiários tinham ou não uma supervisão adequada. Observou-se que a percepção do estagiário é influenciada pelo ambiente de trabalho e pelo tempo disponibilizado para sua supervisão, e que há necessidade de ampliar o envolvimento entre ensino acadêmico e a prática profissional. Como sugestão para reduzir o problema da falta de padronização no processo de desenvolvimento e criação, foi sugerida a criação de um guia para padronizar esses processos.

Endereços de e-mail: renee@rearkitetando.com.br, fabio.licht@ucp.br*, academico.arobertom@gmail.com.

OVERVIEW OF PROFESSIONAL PRACTICE IN ARCHITECTURE: STUDENTS AND PROFESSIONALS

Keywords: Architecture, professional internship, process standardization.

Abstract. Over the years, architecture has been suffering a series of transformations due to technological innovations. Today, more than ever, it is necessary for students and recent graduates to have a professional internship experience. Architecture offices also need to standardize their creative and development processes, so that they can better absorb those students and utilize, as well as possible, that standardization, while considering technological innovations. The aim of this paper is to present the result of a research on the standardization of creative and development processes in the workplace, and on the approximation between educational institutions and these places. The research was carried out with students in the internship phase and with professionals in architecture, seeking to understand their views. The research studied whether there was standardization, and whether the interns had adequate supervision. It was observed that interns' perception is influenced by the work environment and the time available for supervision, and that there is a need to expand the involvement between academic teaching and professional practice. To reduce the problem of lack of standardization in creative and development processes, the creation of a guide to standardize those processes was suggested.

1 INTRODUÇÃO

Percebe-se que o ensino de arquitetura nas universidades sofre influência do ambiente, das cidades em que essas se inserem. Analisando o Ranking Universitário Folha [11] de 2018 das universidades de Arquitetura e Urbanismo, estão classificadas nos 3 primeiros lugares: Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). As três universidades são públicas e estão localizadas em cidades desenvolvidas urbanisticamente.

Em São Paulo, o desenvolvimento desenfreado em moradias não autorizadas juntamente com o aumento de condições insalubres, fomentou o interesse em estabelecer projetos para melhorias da cidade e seu desenvolvimento [1].

Segundo Passos [9], em Belo Horizonte, a tentativa de reformular o centro da cidade fez com que se formassem muitas periferias, acarretando desigualdade e aglomeração nos centros urbanos de uma parte da população.

Para Soares [13], no âmbito da região sul, o Rio Grande do Sul tem uma urbanização mais dinâmica e organizada, disponibilizada em várias regiões, acompanhando as tendências de urbanização da sociedade brasileira, onde a população foi gradativamente saindo da predominância rural e passando a ser uma maioria urbana, refletindo o desenvolvimento do capitalismo e as formas de apropriação dos territórios.

Analisando as grades curriculares [3, 5, 15] das universidades destacadas pelo ranking, nota-se a preocupação, logo nos primeiros períodos, de se iniciar um estudo em estrutura, planejamento urbano e conforto, que são as demandas recorrentes das cidades em que elas se encontram. Em uma pequena comparação com as universidades encontradas em Petrópolis, a Universidade Católica de Petrópolis (UCP), por exemplo, tem uma grade [4] com matérias obrigatórias que abrange a questão do patrimônio histórico, por se tratar de uma cidade com relevante conjunto histórico, assim como disciplinas voltadas a contenções de encostas, mostrando a integração com a faculdade de engenharia da universidade. Já a Universidade Estácio, por ter sua sede situada no Rio de Janeiro, segue uma grade curricular [14] parecida com a das universidades regentes nas cidades urbanas mais desenvolvidas e de maior porte, dando bastante ênfase à uma arquitetura comercial e corporativa. O primeiro curso de arquitetura da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) fora de sua sede foi criado em Petrópolis, e surgiu a partir do Departamento da Escola Superior de Desenho Industrial, tendo em sua base curricular [6] também matérias referentes ao curso original. Interessante citar a existência da disciplina “Ética, cidadania e prática profissional” que demonstra uma preocupação com o estudante e seu ingresso no mercado de trabalho.

Assim, a cidade em que cada universidade se estabelece influencia na sua oferta de disciplinas. Nota-se que, por mais que exista um currículo de base nas universidades, com diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), a formação do profissional pode ser moldada pelo perfil da universidade, a partir das características das cidades onde estão inseridas, através das demandas intrínsecas à região.

De maneira geral, não só na arquitetura e na engenharia, existe a necessidade de aquisição e atualização de conhecimento prático pelos estudantes, e isso os tem levado à importante busca de estágios com a estratégia de ampliar sua qualificação. Com a Nova Lei de Estágios em vigor no Brasil desde 2008, foi ressaltada a importância e o papel do supervisor no desenvolvimento do estagiário [7].

Segundo Buriolla [2], quando estudando a arquivologia, a importância do estágio é propiciar ao aluno um momento específico de sua aprendizagem, uma reflexão sobre o agir profissional e uma visão crítica das relações existentes no mercado de trabalho. O exercício prático, entretanto, deve ser apoiado na supervisão, enquanto processo dinâmico e criativo, tendo em

vista possibilitar a elaboração de novos conhecimentos.

Considerando essas questões, atualização e qualificação, este estudo tem como objetivo compreender e contribuir para a vivência e troca de experiências entre profissionais e estudantes, no contexto do mercado de trabalho.

A experiência prática dita como o estudante se comportará, quando ingressar no mercado de trabalho, ao se deparar com problemas e situações que não teve a oportunidade de vivenciar na universidade. A falta de vivência prática torna comum situações em que os recém-formados não desenvolveram as competências exigidas pelo mercado de trabalho [8].

Não se pode negar que, nos moldes atuais da educação, e mais especificamente da educação universitária, o processo de instrução objetiva desenvolver, entre outras coisas, a capacidade intelectual do indivíduo para a resolução de problemas e situações específicas, mediante a aquisição de conhecimento e habilidades, ou seja, a formação universitária é fundamental para o desenvolvimento de competências profissionais que visam suprir demandas da sociedade. Neste sentido, a universidade, representada por seus diversos cursos, possui papel preponderante na sociedade moderna [13]. Assim, a formação universitária é uma das principais pontes que liga o futuro profissional ao mercado de trabalho, e uma boa preparação está relacionada ao papel que o estágio, obrigatório ou não, tem na grade curricular dos cursos superiores.

Na arquitetura, o problema que é percebido é falta de conhecimento dos estagiários sobre processos de produção e modelos a seguir. Isso passa pela falta de padronização de processos em pequenos e médios escritórios, relacionados à criação de projetos, forma de estruturação, tratamento de contratos e especificações dos serviços oferecidos.

Com a intenção de contribuir para a melhoria da prática profissional na arquitetura, iniciou-se uma busca por informações que auxiliassem no entendimento do atual cenário estagiário-escritório, sob o ponto de vista tanto dos estagiários quanto dos profissionais supervisores.

2 PROBLEMA

Uma observação que, de forma geral, é apontada por uma grande maioria de profissionais atuantes do setor, é que estudantes saem da vida acadêmica e ingressam na vida profissional sem a visão geral de como atuar no mercado de trabalho. Isso não pode ser apenas responsabilidade das instituições de ensino, mesmo em casos em que existe um escritório modelo, onde os alunos são colocados de forma mais próxima à realidade. Segundo Silva *et al* [10], “questiona-se, previamente, se essa é uma necessidade ou uma função da universidade”.

Sem um encaminhamento para exercer a atividade profissional, o recém-formado em arquitetura, mesmo aquele que teve a oportunidade de passar por um estágio ou escritório modelo, onde pode colocar em prática o que aprendeu na universidade e onde também recebeu desafios para os quais precisou buscar uma solução de acordo com cada realidade, fica sem ter um passo a passo ou um guia de estratégias que possa direcioná-lo, de modo a atender aos anseios e necessidades dos clientes.

Uma das consequências da inexperiência e da falta de um guia são os erros de projetos e o retrabalho gerado por isso, desde uma pequena até uma grande esfera de abrangência. Isto se torna mais crítico quando erros gerados pela falta de um projeto bem planejado demandam um aumento de recursos e insumos.

3 PROPOSTA

O estagiário é parte importante na renovação de um escritório, trazendo informações atualizadas do setor acadêmico e de certa maneira mantendo o local de trabalho em constante

atualização, entretanto, a manutenção dessa via de mão dupla depende tanto do interesse do estagiário quanto dos profissionais. Considerando a área de arquitetura no cenário atual e a exigência de estágio para a conclusão do curso, alguns questionamentos começaram a surgir quanto à qualidade do processo de qualificação profissional. Assim, identificou-se a necessidade de se obter um panorama tanto de estudantes/recém-formados como de profissionais atuantes no mercado de trabalho.

Foram feitos questionamentos simples para profissionais, se eram autônomos ou tinham escritório formado, se possuíam estagiários, se havia padronização na formatação de projetos, se realizavam acompanhamento em obras e se delegavam autonomia na elaboração de projetos. Adicionalmente, solicitou-se aos profissionais que fizessem um breve relato sobre as experiências relacionadas ao estágio.

Para estudantes e recém-formados, os questionamentos foram semelhantes, mas voltados para seu campo de vivência. A pesquisa versou sobre o início de sua prática profissional, e abordou questões relativas ao estágio como primeiro passo na carreira, considerando-se que a partir do estágio, o estudante toma ciência da prática profissional.

Como parte da pesquisa, foram elaboradas perguntas que conseguissem abranger todos os profissionais abordados, mesmo aqueles que não possuíam estagiários, e estudantes que não estivessem fazendo ou mesmo que nunca haviam feito estágio. O questionário foi elaborado para permitir que o entrevistado, ao final, desse sua opinião sobre o assunto.

Por se tratar de áreas afins, a pesquisa foi elaborada para que engenheiros (estudantes e profissionais) também respondessem, mesmo não sendo o foco principal da pesquisa. Devido às semelhanças na atuação desses profissionais com os arquitetos, as respostas poderiam servir de complemento à pesquisa deste trabalho. Entretanto após a aplicação do questionário, o que se notou foi que apenas os profissionais responderam, e que de certa forma, contribuíram, expondo sua experiência profissional.

A proposta é uma análise da percepção quanto à necessidade e a importância do estágio profissional e da padronização de processos para melhor absorção de conhecimento pelos estagiários e para melhor desenvolvimento das próprias atividades de criação num escritório de arquitetura.

4 MÉTODO

Como ponto de partida, foram criadas perguntas de base para profissionais e escritórios de pequeno e médio porte sobre questões de formato e parâmetros aplicados à prática profissional, e a partir desses mesmos pontos, foram elaboradas perguntas para estudantes e recém-formados, tendo assim uma visão bilateral do assunto em questão, a prática profissional e suas boas práticas.

A partir da elaboração das perguntas, a forma de aplicação do questionário foi através de um formulário do Google Forms¹.

Os questionários foram elaborados e aperfeiçoados no período de 07 a 25 de junho de 2019, e a partir de 26 de junho de 2019 foram empregados em um teste de uma semana. Após esse período, e sendo verificada a clareza no entendimento do questionário, o seu alcance foi ampliado, ficando aberto para receber respostas até 31 de agosto de 2019. Ao final, foram obtidas 53 participações de profissionais e 75 de estudantes e recém-formados. Porém, após a verificação das respostas, foi observado que entrevistados que responderam que não estagiaram, colocaram respostas como se tivessem estagiado, e no caso dos profissionais que não tinham estagiários, houve respostas referentes a possuírem estagiários. Dessa forma, foram retiradas

¹ É um serviço gratuito para criar formulários online. Nele, o usuário pode produzir pesquisas de múltipla escolha, fazer questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, entre outras opções.

aproximadamente 25 % das respostas por inconsistências e contradições. Ao final desta análise, restaram 42 participações válidas de profissionais e 56 de estudantes e recém-formados, que contribuíram efetivamente para a pesquisa.

A aplicação do questionário se deu através de grupos ligados à área de interesse da pesquisa, em redes sociais das universidades locais, na cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, sendo enviado diretamente para os estudantes e profissionais, que por sua vez, reenviaram a outros participantes. Em um primeiro momento, imaginou-se que a participação seria maior, partindo-se do princípio que os questionários estariam inseridos em um ambiente onde haveria grande interesse, tanto em contribuir para o desenvolvimento do início da prática profissional, quanto em instigar aqueles que ainda buscam a melhoria da sua formação profissional. Entretanto, não foi o que ocorreu, provavelmente por se tratar de um questionário recebido virtualmente e não presencialmente, de forma que muitos não respondiam ou precisaram ser lembrados diversas vezes de responder.

As perguntas criadas tiveram o objetivo de verificar se estudantes e recém-formados participaram ou não de estágios, tanto em escritórios quanto em setores afins; se existem modelos ou padrões de desenho técnico a serem seguidos dentro do espaço de trabalho; se houve acompanhamento de suas tarefas; se houve orientação de perto nos trabalhos que foram designados; se houve a possibilidade ou não de visitas em obras com possíveis relatórios; se o estágio serviu ou está servindo de auxílio para o início da prática profissional; se houve autonomia para elaboração dos projetos. Por fim, uma última questão solicitou um relato sobre a importância de se estagiar ou de se ter estagiado, e se o aluno, neste caso, sentiu necessidade de mais orientação ou parâmetros a serem seguidos, ou, caso não tenha estagiado, foi questionada qual a falta que essa experiência fez ou faz em sua atuação no mercado de trabalho. Essa última questão deu oportunidade àqueles que não tiveram a experiência de estágio, de relatar livremente sua opinião.

Quanto ao questionário direcionado aos profissionais autônomos e aos escritórios, foi possível identificar se os profissionais que estão no mercado de trabalho têm ou não estagiários; se desejam ter; e, assim como foi perguntado aos estudantes e recém-formados, se existem modelos e formatos de trabalho a serem seguidos pelo profissional e por aqueles que fazem estágio nos locais de trabalho. Também foi perguntado como é a relação de orientação no trabalho designado ao estagiário; se existe a possibilidade de acompanhamento em obras, e como é feita; como enxerga o preparo do estagiário para o mercado de trabalho, a partir da observação de seu desenvolvimento; e como enxerga sua autonomia na execução de projetos, baseado no conhecimento adquirido pela faculdade. A última questão pergunta sobre a importância de ter estagiário em seu ambiente de trabalho e se existe a necessidade de padronização de processos de criação para si ou para melhor orientar os estagiários. Dessa forma, mesmo os profissionais que não possuíam estagiários puderam contribuir com suas opiniões.

5 HIPÓTESES

O objetivo do artigo é uma análise e síntese das respostas da pesquisa, por se tratar de uma questão que vem à tona no decorrer dos anos. Segundo Silva *et al* [12] a responsabilidade da universidade sobre a prática profissional é sempre um ponto a ser discutido assim como a responsabilidade de ensinamento nos locais de trabalho.

A realização desta pesquisa foi motivada pela observação empírica de seus autores a partir de seu trânsito através de experiências acadêmicas e profissionais. Além disso, este trabalho constitui um esforço de contribuição para o campo do ensino e da prática profissional da arquitetura, reconhecendo a importância do diálogo permanente entre mercado e universidade.

As hipóteses postuladas para a pesquisa foram as seguintes:

- há valor na avaliação contínua pelas universidades, do seu processo de ensino e da importância de incentivar a fixação do conhecimento por parte de seus alunos;
- há necessidade de uma padronização para que escritórios e/ou profissionais tenham modelos de execução e manuais de trabalho adequados à dimensão de suas atividades; e
- há necessidade de facilitar a autonomia e a criação na forma de trabalhar, para os novos e atuais profissionais;

As hipóteses acima também levaram aos seguintes questionamentos:

- como as universidades podem colaborar com os estudantes e futuros profissionais no auxílio da prática profissional e na compatibilização com o mercado de trabalho? e
- como os escritórios e/ou profissionais autônomos podem otimizar o seu ambiente de trabalho e se preparar para recepcionar e contribuir para a formação dos estagiários?

6 RESULTADOS

O questionário aplicado solicitava respostas curtas e diretas, com exceção da última, que pedia que o participante desse sua opinião quanto à importância do assunto, experiência, prática profissional e parâmetros a serem seguidos. De maneira geral, houve respostas com opiniões que foram de um extremo ao outro, nos questionários relacionados aos profissionais formados, porém foi possível perceber a menção da importância do estágio profissional na vida acadêmica do universitário.

Para melhor visualização, os resultados dos questionários são mostrados através de gráficos que apresentam as questões objetivas e uma síntese das questões dissertativas, onde os participantes puderam expor sua opinião. Isso enriqueceu a análise dos resultados e permitiu tecer as observações mencionadas na seção Discussão dos Resultados.

6.1 Estudantes de arquitetura/engenharia e recém-formados

Um total de 56 questionários foram respondidos por estudantes e recém-formados em arquitetura e engenharia. O resultado das duas primeiras perguntas do questionário é apresentado na Figura 1. A Figura 1a indica que houve um maior número de estudantes que recém-formados. A pesquisa não limitou o período de formação nas respostas. Na Figura 1b, observa-se quantos tiveram a oportunidade de fazer um estágio e, dentre aqueles que fazem ou fizeram estágio, aqueles que se encaixaram no mercado de trabalho em um escritório e aqueles que estagiaram em setores afins.

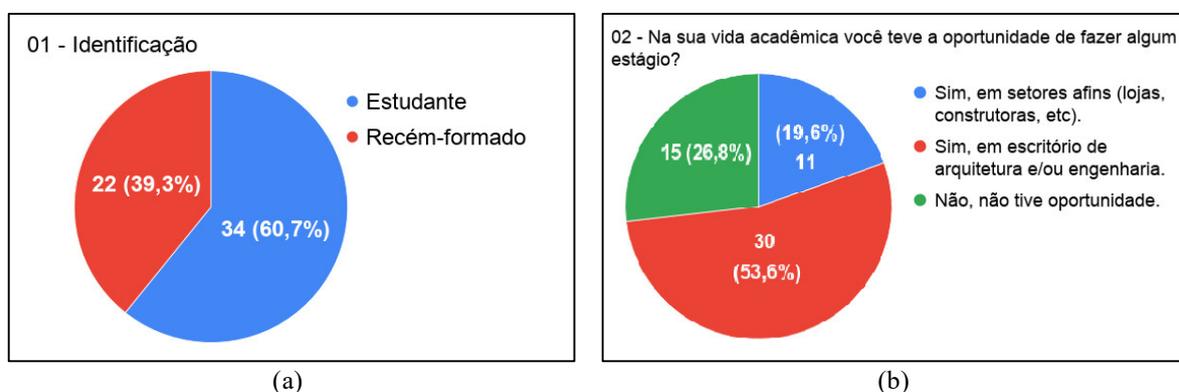


Figura 1: Gráfico das questões (a) 1 e (b) 2 (estudantes e recém-formados)

Observa-se que somente 54 % dos respondentes tiveram a oportunidade de trabalhar na

atividade fim, ou seja, um escritório de arquitetura/engenharia. Observa-se também um percentual de 27 % que não tiveram qualquer contato com a sua profissão. Considerando apenas aqueles que fizeram estágio, 73 % o realizaram em escritórios e 27 % ficaram alocados em atividades de setores afins. Considerando somente os estudantes, 70 % passaram por escritórios e 30 % fizeram estágio em setores afins. Fazendo essa mesma observação para os recém-formados que tiveram a oportunidade de fazer um estágio, 76 % passaram por escritórios e 24 % fizeram estágio em setores afins.

Buscando obter informações sobre modelos e formatos de padrão de desenho técnico e sobre orientação no estágio, na Figura 2, são apresentados os resultados das questões 3 e 4.

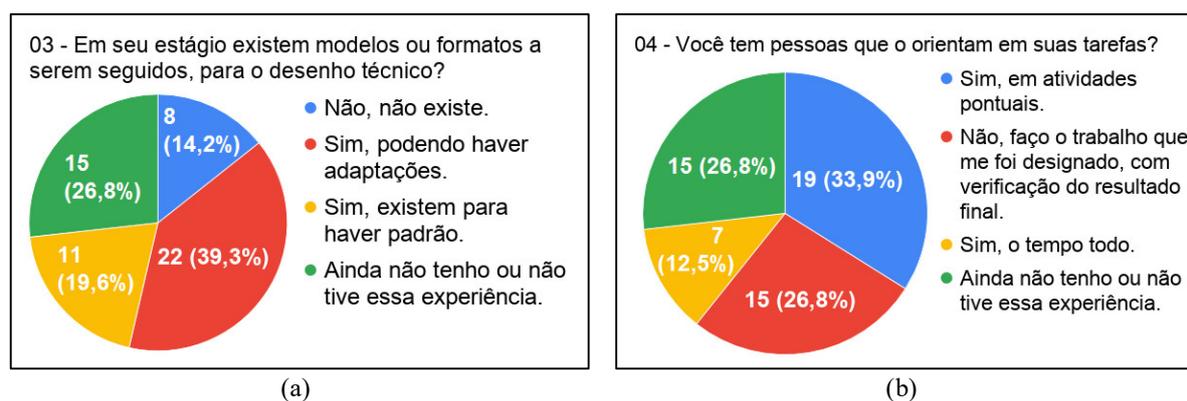


Figura 2: Gráfico das questões 3 e 4 (estudantes e recém-formados)

A partir dos dados da Figura 2a, ao se desconsiderar aqueles que não tiveram experiência em estágio (27 % do total de pesquisados), obtém-se um grupo de 20 % que relatou que não existiam modelos a seguir, e 27 % que havia um padrão a seguir. Os restantes 53 % de entrevistados respondeu que existe um padrão, mas que este é flexível, permitindo adaptações.

Analisando o gráfico da Figura 2b e desconsiderando aqueles que não tiveram experiência em estágio, observa-se que 37 % tiveram suas tarefas verificadas somente ao término das mesmas. Outros 46 % dos entrevistados tiveram uma orientação pontual de suas atividades, e apenas 17 % dos estagiários declararam ter orientação durante todo o período de execução de atividades.

Apenas entre os que fizeram estágio, quando perguntados sobre a oportunidade de realizar acompanhamento em obras (questão 5), 54 % dos entrevistados respondeu que só foram realizados trabalhos internos, conforme ilustra a Figura 3a. Quanto àqueles que fizeram acompanhamento em obras, 24 % o fizeram somente como observadores e 22 % realizaram relatórios após a visita.

Na questão 6, cujos resultados estão na Figura 3b, desconsiderando aqueles que não tiveram a oportunidade de estagiar, 66 % declarou que adquiriu conhecimento, porém sem sentir que estaria preparado para o mercado de trabalho. Outros 17 % não se sentiam preparados, e o mesmo percentual, de 17 %, responderam que, através dos conhecimentos adquiridos, estariam prontos para se inserir no mercado de trabalho.

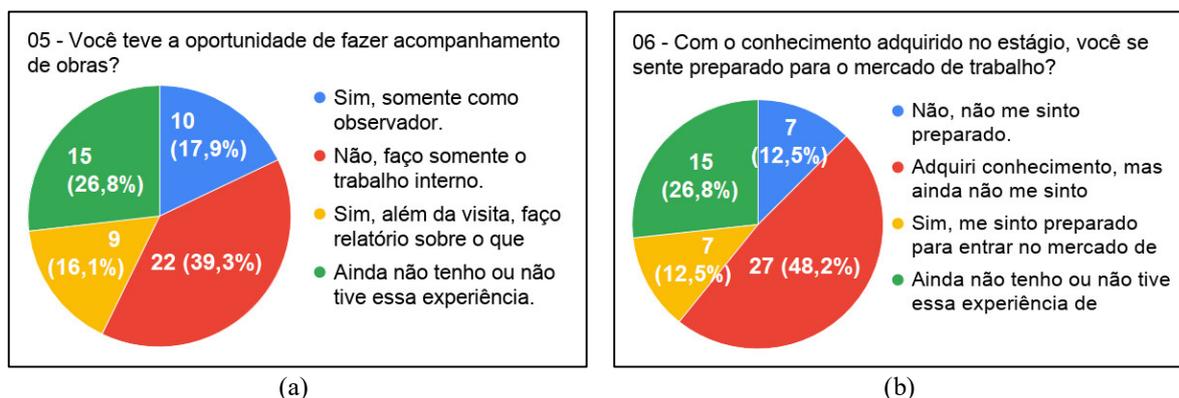


Figura 3: Gráfico das questões 5 e 6 (estudantes e recém-formados)

A questão 7 tratou da autonomia na realização de atividades. Observando a Figura 4a e excluindo os que não fizeram estágio, 51 % não se sentiam com autonomia para elaborar projetos, enquanto 27 % disseram ter autonomia com acompanhamento e 22 % responderam que tiveram autonomia total.

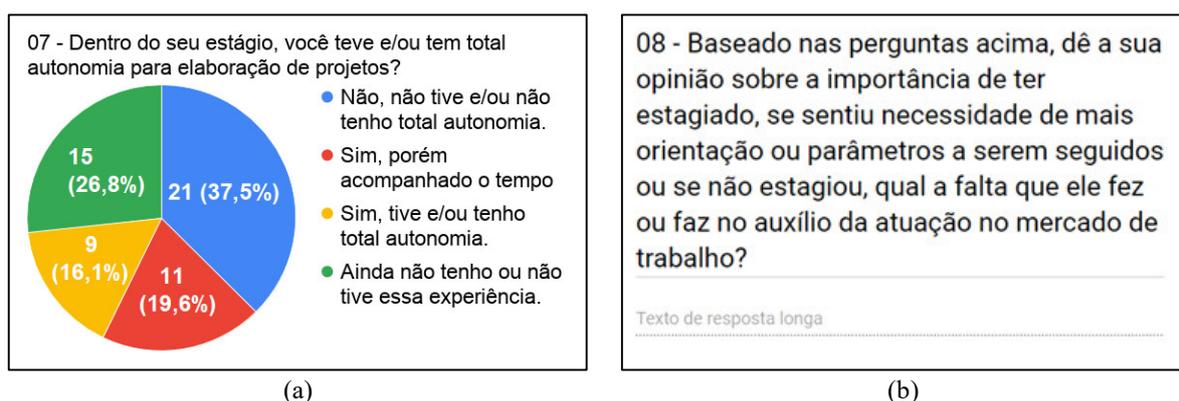


Figura 4: Gráfico das questões 7 e 8 (estudantes e recém-formados)

Finalmente, em relação à questão 8, apresentada na Figura 4b, que trata da opinião dos entrevistados sobre o início da prática profissional, observou-se que os estudantes consideram que o estágio serve como complemento aos ensinamentos acadêmicos, favorece o desenvolvimento do olhar mais crítico e realista para o mercado de trabalho, e proporciona um aprendizado prático que ajuda a vencer o medo de cometer erros na vida profissional. Considerando as atividades de estágio, as queixas citadas foram a falta de autonomia e de oportunidades de observar como é o gerenciamento de obras, a pouca interação com o responsável pela supervisão, e pouca variação nas atividades desenvolvidas (muito tempo despendido em elaborações de desenhos técnicos). Com relação ao início das atividades como profissional, muitos citaram que eles têm que procurar, depois de formados, cursos de vivência em obras, administração e desenvolvimento das etapas de projeto, pois carecem de conhecimento do processo a ser seguido, inclusive de como saber lidar e negociar com o cliente.

Houve relatos daqueles que ainda estudam e que ainda não tiveram a experiência de estagiar, que eles procuram cursos de extensão na faculdade, como forma de complementar esse déficit, e que a falta de experiência em estágio aumenta a chance de profissionais migrarem para outros setores, ou mesmo se aventurarem como autônomos sem o conhecimento suficiente para prestarem um serviço de qualidade.

6.2 Profissionais autônomos e escritórios de arquitetura/engenharia

A Figura 5a mostra o tipo de estrutura profissional dos entrevistados e a Figura 5b se possuem estagiários ou se pretendem tê-los. Um total de 42 questionários foram respondidos. Observou-se que, dentre os autônomos, 26 % têm estagiários em seu ambiente de trabalho e dos 74 % que não possuem, 78 % declararam não sentirem desejo em ter. Analisando o grupo de profissionais com escritório, a proporção se inverte bruscamente, sendo que 91 % dos escritórios têm estagiários e, dos 9 % que não possuem, 50 % têm a pretensão de ter estagiários.

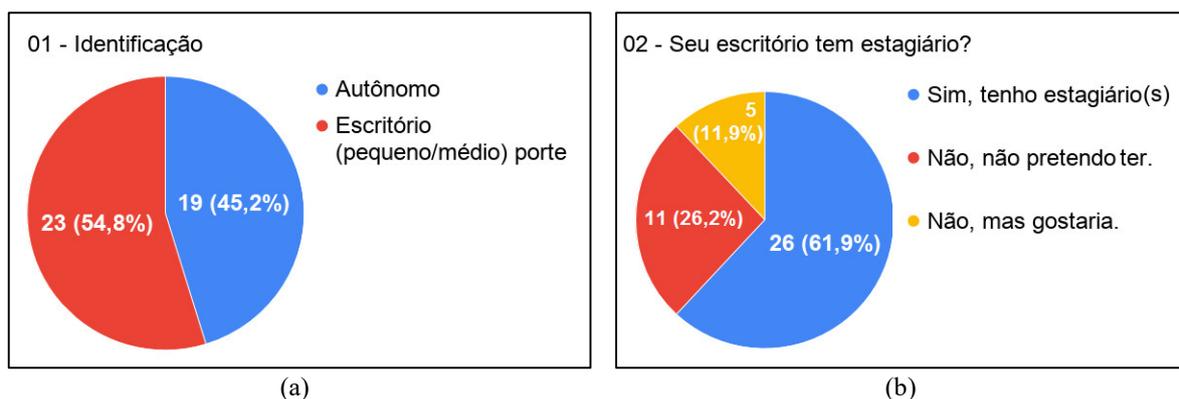


Figura 5: Gráfico das questões 1 e 2 (autônomos e escritórios)

Quando se perguntou se existe padronização nas atividades, 93 % do total de entrevistados apontou ter padrões a seguir, como mostra a Figura 6a. Em 63 % dos escritórios, existe um padrão definido a ser seguido sem adaptações, enquanto 26 % dos autônomos seguem um processo padronizado. Observou-se também que 43 % dos escritórios e 55 % dos autônomos declararam existir padronização, mas com possibilidade de haver adaptações.

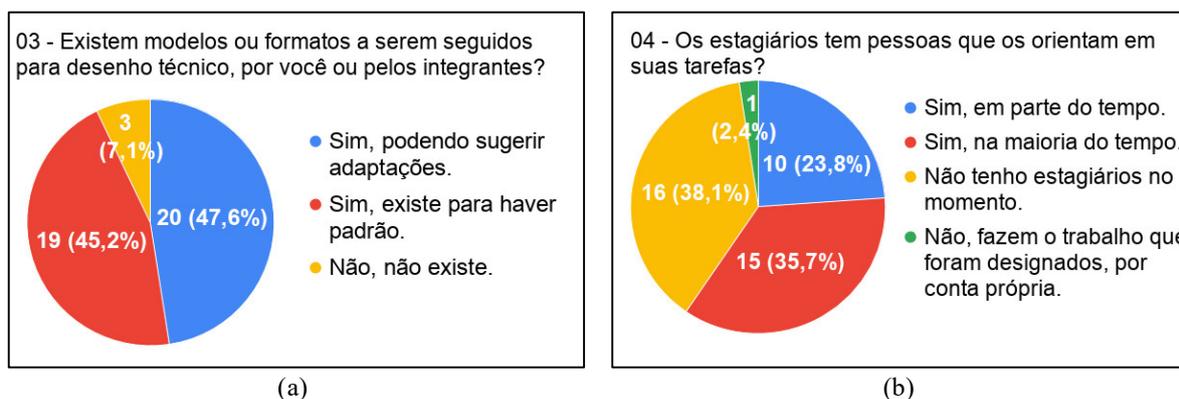


Figura 6: Gráfico das questões 3 e 4 (autônomos e escritórios)

Considerando apenas os escritórios e autônomos que possuem pessoas que podem orientar estagiários, os resultados apresentados na Figura 6b indicam que somente 4 % designam tarefas que são realizadas sem auxílio, e 58 % têm pessoas que os orientam na maioria do tempo. Deste grupo, 87 % se referem aos escritórios. Os 38 % restantes possuem pessoas que podem orientar os estagiários, em parte do tempo, nas tarefas designadas, com a maioria destes sendo escritórios (80 %).

Na Figura 7a, relativa à questão 5, considerando apenas aqueles entrevistados que possuem estagiários, 50 % conseguem fazer uma rotina de visitas e relatórios de observação de obras, sendo que 85 % dos entrevistados que responderam possuem escritório. Observa-se que 31 %

dos profissionais (autônomos e escritórios) levam seus estagiários em obras, e que 19 % somente designam trabalhos internos aos seus estagiários. Por fim, dos profissionais que levam seus estagiários em obras, 25 % são autônomos.

Na questão 6, Figura 7b, também considerando apenas aqueles entrevistados que possuem estagiário, 8 % acreditam não haver preparo para o mercado de trabalho. Dentre os 35 % de profissionais que responderam que os escritórios ou ambientes de trabalho estão passando todo o conhecimento, 89 % correspondem a escritórios. Dos 58 % que acreditam que o estagiário tem interesse, mas que o conhecimento prático é pouco desenvolvido, 27 % correspondem a profissionais autônomos.

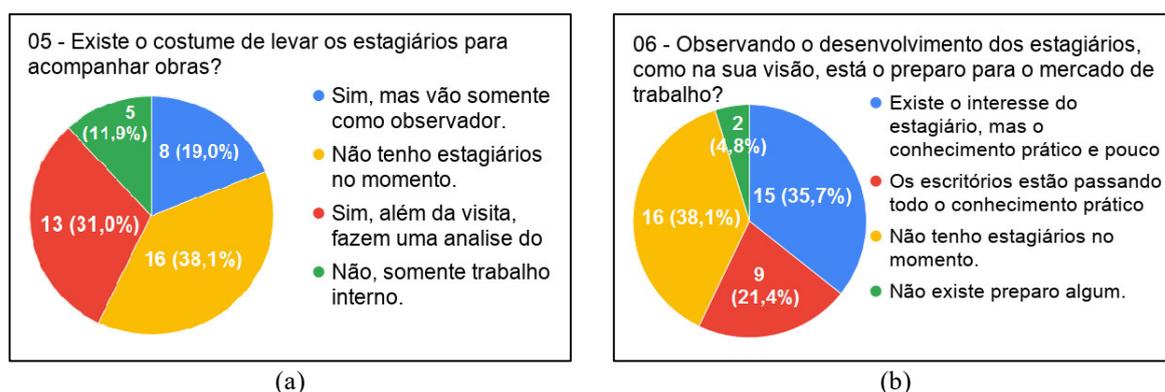


Figura 7: Gráfico das questões 5 e 6 (autônomos e escritórios)

Quando perguntados, na questão 7, Figura 8a, sobre a autonomia dada para a elaboração de projetos, considerando apenas aqueles entrevistados que possuem estagiário, nenhuma resposta indicou que total autonomia foi dada. Entretanto, 69 % dizem dar autonomia com supervisão, sendo que deste grupo, 78 % das respostas são de profissionais com escritórios. Nos 31 % que responderam que não dão autonomia, somente 13 % são profissionais autônomos.

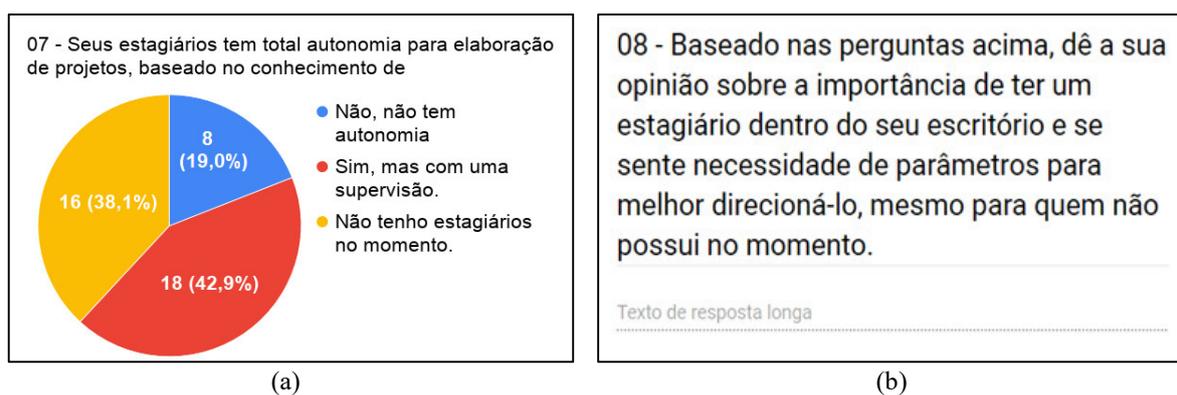


Figura 8: Gráfico das questões 7 e 8 (autônomos e escritórios)

Analisando a questão 8, Figura 8b, muitas respostas citaram a troca de conhecimento que ocorre no processo do estágio, onde o estagiário começa a adquirir a vivência da profissão, e o escritório ou local de trabalho também se conecta com o ambiente acadêmico ao qual não teria acesso tão direto se não fosse a presença de estagiários. Com relação à autonomia dada ao estagiário, verificou-se que, de um lado, havia profissionais dizendo que eles deveriam ter mais embasamento por parte do próprio escritório antes de ter a sua autonomia, e de outro, houve respostas que incentivavam a autonomia como forma dos estagiários mostrarem seu potencial. Alguns profissionais declararam também que o estágio é um papel social, de ajudar a

estabelecer esse primeiro contato do estudante com a vida profissional.

7 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Confrontando-se as respostas dos estudantes/recém-formados com a dos profissionais (autônomos e escritórios), percebe-se algumas diferenças. Na visão dos profissionais, há mais supervisão, padronização, visitação a obras e autonomia que na opinião dos estagiários. Nota-se, porém, que as respostas foram anônimas, não sendo possível confrontar diretamente o estagiário com o local que ele estagia.

Ao se comparar as respostas dadas pelos escritórios com a dos profissionais autônomos, conclui-se que a infraestrutura de um escritório permite um melhor suporte de supervisão ao estagiário.

Considerando que a maioria dos estudantes/recém-formados e profissionais responderam que há padronização nas atividades, fixa ou flexível, o fato dos estudantes/recém-formados não se sentirem preparados para exercer a profissão, leva à conclusão de que os modelos utilizados não devem ser os mais adequados.

Com relação a esse tema, ainda, observou-se que os profissionais sentem os estagiários mais preparados que eles mesmos, o que pode indicar que há uma falha no processo de supervisão, seja porque o supervisor não percebe as inseguranças do estagiário e não tenta desenvolver as competências relacionadas, seja por falhas na padronização dos processos que fazem com que os estagiários tenham dúvidas de como proceder, por exemplo, na relação com clientes.

Baseado nas respostas das questões dissertativas, observa-se que a percepção do estagiário é influenciada pelo ambiente de trabalho e pelo tempo disponibilizado para sua supervisão. A existência de um planejamento prévio e a supervisão associada a ele pode ser vista como boa para ambos os lados: para o estagiário, que recebe uma orientação para a prática profissional, e para o ambiente de trabalho, que recebe um estagiário que responde às demandas do escritório.

8 CONCLUSÃO

Com relação à percepção dos estagiários sobre importância da prática profissional e a padronização de processos em escritórios, conclui-se que uma ação proativa, em que as instituições de ensino se inserissem ainda mais, de forma que ao iniciar o processo de estágio as informações acadêmicas e o nível de conhecimento fossem informados, permitiria que os locais de trabalho se preparassem para melhor alocar os estagiários. Entende-se que é importante um trabalho em conjunto na estruturação dos estágios e na forma como eles são conduzidos, tanto no meio acadêmico quanto no meio profissional. Dessa forma, a universidade teria a possibilidade de saber dos escritórios, quando poderia enviar e qual o nível compatível de conhecimento do aluno, para que o estágio fosse uma experiência proveitosa para ambos, podendo ser uma via de mão dupla não só entre o aluno e o escritório, mas também entre o escritório e a instituição de ensino. Assim, conclui-se ser essencial haver uma interação maior entre as instituições de ensino e os locais responsáveis pela prática profissional.

Por parte dos escritórios, seria importante que as instituições também fossem informadas sobre o nível mínimo de conhecimento que eles desejam, para poder contribuir melhor para a formação do aluno, de forma a não incompatibilizar a sequência natural do processo acadêmico com o estágio. Dessa forma, com o compartilhamento do conhecimento, o crescimento será de todos os envolvidos.

A criação de um guia que servisse como base para que os profissionais e escritórios pudessem estruturar o processo de desenvolvimento e criação, e que pudesse ser de fato seguido é visto, pelos autores, como uma maneira possível de sanar alguns problemas revelados pela

pesquisa. Espera-se que tal guia facilite a inserção dos estagiários no seu dia a dia e contribua para a consolidação dos conhecimentos obtidos no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

- [1] P. de Assunção. As condições urbanas da cidade de São Paulo no século XIX. *Revista Histórica Online: Arquivo Público do estado de São Paulo*, São Paulo, 37:19–29, 2009.
- [2] M. A. F. Buriolla. *O estágio supervisionado*. Cortez, 1995.
- [3] Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. *Relatório de Versão Curricular*, 2017. Disponível em <<https://sites.arq.ufmg.br/ea/au/grade-curricular-curso-diurno/>>. Acessado em junho de 2019.
- [4] Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Petrópolis. *Grade curricular*, 2018. Disponível em <<http://www.ucp.br/web/index.php/corpo-docente-e-grade-arq>>. Acessado em agosto de 2019.
- [5] Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. *Grade curricular*, 2018. Disponível em <<https://www.fau.usp.br/graduacao/arquitetura-e-urbanismo/grade-curricular/>>. Acessado em junho de 2019.
- [6] Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. *Grade curricular*, 2019. Disponível em <<http://www.ementario.uerj.br/cursos/arquitetura.html>>. Acessado em novembro de 2019.
- [7] D. Mendes. *Contribuições de supervisores para as vivências de estagiários em contextos de trabalho*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, Brasil, 2013.
- [8] L. M. F. do Nascimento. *Transformações no mercado de trabalho exigidas aos estagiários e recém-formados em empresas com características da sociedade industrial*. Dissertação de Mestrado, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro – RJ, Brasil, 2002.
- [9] D. O. R. dos Passos. A formação do espaço urbano da cidade de Belo Horizonte: um estudo de caso a luz de comparações com as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, 21(2):332–358, 2016. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/22406/pdf>>. Acessado em julho de 2019.
- [10] S. Righetti. *Ranking Universitário Folha: Arquitetura e Urbanismo*. Folha de S. Paulo, 2018. Disponível em <<https://ruf.folha.uol.com.br/2018/ranking-de-cursos/arquitetura-e-urbanismo/>>. Acessado em junho de 2019.
- [11] A. L. dos S. V. e Silva, C. M. Fontenele, L. E. G. Lyra. Desafios da extensão universitária e escritórios modelos. *Oculum Ensaio – Revista de Arquitetura e Urbanismo*, 11(2):335–346, 2014.
- [12] M. J. N. da Silva. *Entre a teoria e a prática: o contexto de atuação dos estagiários, sob a ótica das instituições contratantes e dos egressos do curso de arquivologia da Faculdade de Arquivologia da Universidade Federal de Minas Gerais*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, Brasil, 2017.
- [13] P. R. R. Soares. A Urbanização no Rio Grande do Sul: as cidades médias e sua relação com o território. In: *As cidades e a urbanização no Brasil: passado, presente e futuro*. Ed. E. M. Pereira e L. C. Dias, Insular, 1ª edição, 211–228, 2011.

- [14] Universidade Estácio. *Grade curricular*, 2019. Disponível em <<https://portal.estacio.br/graduacao/arquitetura-e-urbanismo>>. Acessado em novembro de 2019.
- [15] Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Grade curricular*, 2018. Disponível em <<https://www.ufrgs.br/comgrad-arq/wp-content/uploads/2018/09/RelatorioCurricular.pdf>>. Acessado em junho de 2019.